

SOLUCIONANDO PROBLEMAS AMBIENTAIS E CONHECENDO A REALIDADE ONDE MORA

Rhânia Maria Furtado Serra¹
Erika Freitas Mota²

INTRODUÇÃO

A Política Nacional de Educação Ambiental, regulamentada em 2002, reafirmou a Educação Ambiental (EA) como um componente essencial e urgente da educação fundamental, tornando-a obrigatória em todos os níveis de ensino. Os princípios básicos da EA incluem uma abordagem humanista, holística, democrática e participativa (Brasil, 1999). Assim, a Base Nacional Comum Curricular estabelece que os estudantes devem “ter um novo olhar sobre o mundo ao seu redor, além de fazer escolhas e intervenções conscientes, fundamentadas nos princípios da sustentabilidade e do bem comum” (Brasil, 2018).

Dessa forma, ao adotarmos uma perspectiva histórico-crítica e uma abordagem contextual no ensino da educação ambiental, é importante considerar os aspectos históricos, sociais e filosóficos que permeiam a construção do conhecimento científico. Isso nos ajuda a demonstrar que a ciência não é estática, está sempre sujeita a questionamentos e mudanças de paradigmas ao longo do tempo, e que, além disso, é influenciada pelo que ocorre na sociedade e na vida cotidiana (Geraldo, 2009).

No livro “Educação Ambiental: a Formação do Sujeito Ecológico”, a autora propõe uma nova perspectiva sobre as interações entre sociedade e natureza. Ela sugere que essas esferas não devem ser vistas de forma isolada, como na abordagem naturalista-conservacionista, mas sim como partes de um todo em constante interação e harmonia (Carvalho, 2004). Portanto, é fundamental que os alunos compreendam a realidade ao seu redor, para que possam desenvolver atitudes que beneficiem a si mesmos e suas comunidades de maneira sustentável, reconhecendo suas relações com o meio ambiente.

Nesse contexto, o objetivo desse estudo é relatar a experiência vivenciada no Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental. O projeto de intervenção objetivou

¹Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará - UFC, rhania2002@gmail.com;

² Professora Orientadora: Doutorado em Bioquímica pela Universidade Federal do Ceará - UFC, professora do Departamento de Biologia da UFC, erika.mota@ufc.br.

construir um processo de aprendizagem que pudesse auxiliar no ensino da educação ambiental de modo a entender as problemáticas ambientais cotidianas e solucioná-las.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo a pesquisa de Bremm & Güllich (2022), o Diário de Formação é um recurso que favorece o desenvolvimento do hábito reflexivo e aprofunda essa reflexão, tornando-a progressivamente mais crítica, sendo importante para a formação de docentes e, também como ponto de partida para a construção dos Relatos de Experiência.

Além disso, Vieira e Moura (2022) concluem que estudos que evidenciam a eficácia de projetos de intervenção pedagógica que promovem a construção do conhecimento por meio de uma relação crítica com a realidade são extremamente importantes, permitindo que as práticas pedagógicas problematizadoras sejam apoiadas, ajudando a transformar a realidade do ambiente escolar.

Nesse contexto, a Educação Ambiental surge da necessidade de enfrentar os problemas ambientais gerados por um modelo econômico capitalista (Arraes & Videira, 2019). Em complemento, Jacobi (2003) afirma que a EA abre um espaço para repensar práticas sociais e o papel dos professores como mediadores de um conhecimento fundamental para que os discentes compreendam o meio ambiente global e local, sendo a EA um ato político voltado para a transformação social.

METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, aplicada, do tipo pesquisa de intervenção pedagógica (Damiani et al., 2013) em turmas de 6º anos de uma escola pública no bairro Prefeito José Walter, Fortaleza, Ceará. Foram realizadas atividades de resolução de problemas ambientais de acordo com o que o aluno pôde observar em seu cotidiano, relacionando-o com os conteúdos sobre “tratamento de água” e “resíduos sólidos” previstos no cronograma da disciplina de ciências, seguindo as habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018).

Para as atividades, os alunos responderam a perguntas sobre o conteúdo proposto no livro didático e produziram desenhos solucionando problemas ambientais que podem

ser observados próximos a suas localidades, bem como realizaram seminários por meio de perguntas norteadoras.

Durante a realização do projeto, a estagiária construiu um caderno de formação (Bremm & Güllich, 2022) com anotações sobre o processo de aprendizagem dos alunos relacionando-o às habilidades e competências do conteúdo de EA para o 6º ano. Ao final do projeto, foi requerido feedback dos alunos por meio de um questionário anônimo sobre o delineamento do projeto e sobre a atuação da estagiária, disponha das perguntas a seguir:

1. Você conseguiu compreender a proposta das atividades realizadas pela estagiária?
2. Que nota você daria à estagiária? (de 0 a 10)
3. Como você se avaliaria nessa atividade? (de 0 a 10)
4. Deixe um comentário sobre as atividades em que participou e como a estagiária poderia aprimorar seu trabalho.

Um total de 41 alunos das duas turmas responderam ao questionário, permitindo assim a realização de uma análise qualitativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os parâmetros utilizados como resultados na regência estão de acordo tanto com a avaliação da estagiária e da professora tutora quanto pela autoavaliação dos alunos. Assim, tratando-se das regências a respeito dos conteúdos aplicados, os estudantes das duas turmas encontraram-se bastante inquietos com as primeiras aulas, talvez por conta de uma segunda pessoa para ajudá-los na disciplina, porém foram bastante participativos e demonstraram interesse pelo conteúdo e pelas atividades propostas, onde por ser um conteúdo de fácil ancoragem a seus cotidianos, foi possível realizar uma regência de forma mais branda e menos conteudista, levando em consideração a bagagem intelectual do aluno.

Referente a pergunta “1. Você conseguiu entender a proposta das atividades feitas pela estagiária?”, obteve-se 35 respostas “sim”, 4 respostas foram “não” e 2 estavam em branco. Para a pergunta “2. Que nota você daria para a estagiária ? (de 0 a 10)”, todas as respostas obtidas foram de 7 à 10, onde pode-se notar que a estagiária precisa melhorar em alguns aspectos que serão comentados pelos estudantes mais adiante. Referente a pergunta “3. Como você se avaliaria dentro dessa atividade ? (de 0

a 10)”, a grande maioria respondeu entre 6 e 9, o que demonstra que os alunos embora tenham conseguido entender a proposta das atividades, notaram dificuldades durante sua execução. Já com a última pergunta do questionário “4. Deixe um comentário sobre as atividades que você participou e como a estagiária poderia melhorar:”, uma grande parcela dos estudantes respondeu que “não precisa melhorar em nada”, porém, há algumas críticas construtivas, que se trata de que a estagiária necessita “perder a timidez” ou “ ser mais rígida”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi desafiador todo o processo em sala de aula, onde um assunto tão necessário e requerido como a educação ambiental deve estar presente desde o início do desenvolvimento humano. É sobretudo indiscutível a divergência de pensamentos em torno de tais problemáticas, principalmente quando as mesmas estão por deveras presentes nos cotidianos dos alunos. Mesmo assim, ao unir as respostas coletadas e aos feedbacks das aulas, é possível afirmar que a estagiária cumpriu com os objetivos propostos.

Assim, é possível concluir que houve um aprendizado significativo quando compara-se os aspectos das problemáticas referidas pelos estudantes e suas possíveis resoluções. De maneira que é possível assimilar que os alunos além de compreenderem os problemas ambientais, também conseguem interpretar soluções para os mesmos.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Relato de Experiência, BNCC, Intervenção Pedagógica.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Maria Cleide Gualter Alencar; VIDEIRA, Márcia Cristina Moraes Cotas. Breve histórico da Educação Ambiental no Brasil v. 13, n. 46, p. 101-118, 29 jul. 2019. **Lepidus Tecnologia**. <http://dx.doi.org/10.14295/online.v13i46.1874>.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/ciencias>. Acesso em: 18 out. 2024.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Ambiental**, 1999. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm. Acesso em: 18 out. 2024.

BREMM, Daniele & GÜLLICH, Roque Ismael da Costa. Do diário de formação à sistematização da experiência: o processo de (auto)formação de professores de ciências. **Ensaio Pesquisa em educação em ciências**: Belo Horizonte. vol. 24, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-21172022240109>. Acesso em: 18 out. 2024.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação Ambiental: **a formação do sujeito ecológico**. São Paulo-SP: Cortez Editora, 2004.

DAMIANI, M. F.; ROCHEFORT, R. S.; CASTRO, R. F. DE; DARIZ, M. R.; PINHEIRO, S. S. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**, n. 45, p. 57-67, 11.

GERALDO, Antonio Carlos Hidalgo. **Didática de ciências naturais na perspectiva histórico-crítica**. Autores Associados, 2009.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 118, p. 189-206, Mar. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742003000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 Out. 2024.